

## ***Escapada*, de Evelyn Scott: o discurso autobiográfico de uma modernista perdida no Brasil**

### ***Evelyn Scott's Escapade: The Autobiographical Discourse of a Lost Modernist in Brazil***

### ***Escapada*, de Evelyn Scott: el discurso autobiográfico de una modernista perdida en Brasil**

Maria das Graças Salgado<sup>1</sup>

 0000-001-9373-3378

**RESUMO:** Evelyn Scott (1898-1963) foi uma modernista americana da alta classe sulista que, ainda legalmente menor, fugiu para o Brasil com um médico duas vezes mais velho do que ela, casado e pai de quatro filhos. Mas na terra idealizada, Scott enfrentou um parto difícil, doença, pobreza e isolamento social em um país de cultura e língua desconhecidas e em um mundo prestes a deflagrar a Primeira Guerra Mundial. O objetivo deste trabalho é analisar a emoção no discurso autobiográfico a partir de *Escapada* (2019), a poderosa autobiografia escrita quando a escritora ainda estava no Brasil. O suporte teórico conta com apoio da antropologia das emoções, dos estudos de gênero e da linguística cognitiva. O método é interpretativo e o *corpus* é a autobiografia citada acima. Diante da experiência extrema de fome e doença, como as emoções são expressas na obra? De que maneira o gênero influencia tanto a experiência concreta quanto o discurso sobre a experiência? Resultados indicam que, embora Evelyn Scott se sentisse extremamente vulnerável, ela rejeitava com veemência qualquer tentativa de ser vista como vítima e se recusava a renunciar a sua visão de mundo pelo fato de ser mulher e estar doente; Ao mesmo tempo, se ressentia tanto do país de origem como do país que sonhara como refúgio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Evelyn Scott; Emoção; Discurso Autobiográfico.

**ABSTRACT:** Evelyn Scott (1898-1963) was a Southern American modernist of an upper-class background who, still legally a minor, eloped to Brazil with a renowned medical doctor twice her senior, married, and father of four. But in the idealized land, Evelyn Scott faced a difficult childbirth, illness, poverty, and isolation in a country whose culture and language were completely unknown to her. All that within a world about to declare World War One. This work aims at analysing emotions in autobiographical discourse drawing from *Escapada*, the powerful autobiography written *in loco*. The theoretical concepts are supported by the anthropology of emotions, gender studies, and cognitive linguistics. The method is interpretative and the corpus is the autobiographical work mentioned above. In facing such

---

<sup>1</sup>PhD. Professora Associada Universidade da Federal Rural do Rio de Janeiro.

extreme experience, how is emotion expressed? How does gender affect both her experience and her discourse about the experience? Results indicate that Evelyn Scott strongly rejected being viewed as a victim and refused to compromise her worldview because she was a woman and ill. She also resented both her homeland as well as the country she had dreamed as refuge.

**KEYWORDS:** Evelyn Scott; Emotion; Autobiographical Discourse.

**RESUMEN:** Evelyn Scott (1898-1963) fue una modernista estadounidense de la clase alta del sur que, siendo todavía legalmente menor de edad, huyó a Brasil con un médico que le doblaba la edad, casado y padre de cuatro hijos. Pero en la tierra idealizada, Scott enfrentó un nacimiento difícil, enfermedades, pobreza y aislamiento social en un país de cultura e idioma desconocidos y en un mundo a punto de comenzar la Primera Guerra Mundial. El objetivo de este trabajo es analizar la emoción en el discurso autobiográfico de *Escapada* (2019), la poderosa autobiografía escrita cuando el escritor aún se encontraba en Brasil. El sustento teórico se sustenta en la antropología de las emociones, los estudios de género y la lingüística cognitiva. El método es interpretativo y el corpus es la autobiografía mencionada anteriormente. Ante la experiencia extrema del hambre y la enfermedad, ¿cómo se expresan las emociones en la obra? ¿Cómo influye el género tanto en la experiencia concreta como en el discurso sobre la experiencia? Los resultados indican que, aunque Evelyn Scott se sentía extremadamente vulnerable, rechazó con vehemencia cualquier intento de ser vista como víctima y se negó a renunciar a su visión del mundo por ser mujer y estar enferma. Al mismo tiempo, sentía resentimiento tanto por su país de origen como por el país que había soñado como refugio.

**PALABRAS CLAVE:** Evelyn Scott; Emoción; Discurso autobiográfico.

## Introdução

Evelyn Scott, escritora modernista proeminente durante os anos 1920 e 1930, era, de fato, Elsie Dunn (1893-1963), jovem nascida e criada no ambiente aristocrático de uma tradicional família sulista, na pequena cidade de Clarksville, Tennessee. Especialistas (Jones and Scura 2001; Maun 2012; White 1998) concordam que Scott rompeu com essa estrutura social rígida ao se apaixonar por Cyril Kay-Scott. Na verdade, Cyril Kay-Scott era Frederick Wellman (1874-1960), renomado médico, pesquisador e diretor da Escola de Medicina Tropical, na prestigiosa *Tulane University*. À época, Evelyn Scott era legalmente menor de idade e, sendo o Dr. Wellman casado, pai de quatro filhos e duas vezes mais velho do que ela, o *affair*, além de escândalo social, virou caso de polícia. Por essa razão, mas sobretudo porque Cyril Kay-Scott sabia falar português e sonhava em conhecer a Amazônia, o casal fugiu para o Brasil, sem passaportes e com pouquíssimo dinheiro. Tudo isso às vésperas da eclosão da Primeira Guerra Mundial.

No Brasil, depois de tentarem sobreviver em diversas regiões, eles acabaram enfrentando pobreza, fome e isolamento social. As coisas eram particularmente dolorosas para Evelyn Scott que, além de mulher, jovem e estrangeira, estava grávida. Naquele Brasil ainda meio primitivo, uma jovem com essas características naturalmente chamaria a atenção. E Evelyn rejeitava a ideia de ser objeto da curiosidade alheia: “Se eu fosse para o jardim, as mulheres me cumprimentavam com olhos hostis e os homens me perseguiram com seus olhares frívolos repulsivos”, queixa-se Scott, que só via alguma mudança no comportamento social “[...] à noite, quando John voltava do trabalho” (Scott, 2019, p.48). John é o nome fictício que Scott dá ao companheiro Cyril Kay-Scott, em *Escapada*.

Além de estabelecer conflitos com as relações sociais no Brasil, Scott teve que lidar com conflitos de ordem mais pragmática e mesmo visceral. *Escapada* descreve, por exemplo, aspectos da precária infraestrutura brasileira que chocariam qualquer pessoa oriunda de cultura e *background* social como o dela. A distância entre culturas era enorme e Scott não conseguia esconder a ansiedade.

Nós nos mudamos para o Hotel Globo. No primeiro dia fiquei horrorizada com a quantidade de baratas cor de mogno, enormes, que saíam das rachaduras no chão, de detrás do guarda-roupas e de um quadrado escuro na parte de cima da parede ao lado do nosso quarto. Totalmente vestida do jeito que estava eu me escondi embaixo dos lençóis e fiquei ali sob um travesseiro [...] até à noite. (Scott, 2019, p.29)

O choque inicial, com a nova realidade social, provoca um turbilhão de emoções sombrias não apenas com o Brasil, mas também para com seu próprio país, com a rigidez dos valores da sociedade que havia abandonado: “Eu me lembro de ir me tornando fria e inflexível por causa do desespero e ressentimento [...] com nossa situação, com as pessoas que ficaram em nosso país e desaprovam o que consideram imoral em nossa vida” (Scott, 2019, p.27).

Entretanto, sem a menor sombra de dúvida, o episódio de sofrimento e estranheza mais impactante da trajetória de Evelyn Scott no Brasil foi o parto extremamente difícil realizado na periferia da cidade de Natal, onde deu à luz seu único filho. Parte dessa experiência foi examinada por Lessa e Salgado (2021), explorando questões de gênero envolvidas na relação entre Evelyn Scott, no papel

de paciente, e os profissionais de saúde que cuidaram dela tanto em Natal como no interior de Pernambuco. Para elas, Scott sofria com a sistemática invisibilidade de sua dor (física e psicológica) durante todo o processo do parto e pós-parto. O fato é que, depois do parto, Evelyn Scott ficou praticamente inválida e o tópico 'doença' passou a fazer parte integrante tanto de sua vida no exílio autoimposto quanto da escrita autobiográfica sobre essa experiência de isolamento como um todo.

O objetivo deste trabalho é analisar a emoção no discurso autobiográfico de Evelyn Scott a partir de *Escapada*, autobiografia confessional moderna e rica em imagens e metáforas, e originalmente publicada nos Estados Unidos da América do Norte (EUA), em 1923. Escrita *in loco*, no período de incertezas geradas pela eclosão da Grande Guerra, a obra foi, sem dúvida, influenciada pelo calor dos acontecimentos no tempo e espaço reais no qual estava sendo criada. Portanto, inevitavelmente, *Escapada* descreve também o quadro complexo de emoções vivenciadas pela jovem americana rebelde, que havia trocado a segurança de suas altas origens sociais pelas incertezas do Brasil dos inícios do século vinte.

Diante desse pano de fundo emocional, algumas perguntas são relevantes para a análise da obra em tela: que tipos de emoção ou sentimento ela cultiva com relação à terra natal do passado e à terra estrangeira do futuro? Que tipos de emoção estão associados à doença, um fato que passa a fazer parte do seu cotidiano real? De que maneira gênero influencia a experiência concreta como um todo e o discurso sobre essa experiência? Que tipos de imagem ou mesmo metáfora penetram a descrição das emoções em seu discurso autobiográfico?

## **Fundamentação teórica: sobre emoção e gênero**

A emoção é um aspecto integrante da existência humana. Todos os dias as pessoas vivenciam emoções provocadas pelos mais diversos contextos sociais, ou por circunstâncias de âmbito mais pessoal. Algumas dessas emoções são manifestas na fala e/ou na escrita; outras são reprimidas, omitidas.

Estudos da antropologia contemporânea destacam a existência de abordagens que vão do essencialismo ao contextualismo. A primeira percebe a

emoção como um fenômeno natural e inerente a todo ser humano, independentemente de quaisquer circunstâncias exteriores ao indivíduo. A segunda entende emoção como prática discursiva. De acordo com Abu-Lughod e Lutz (1990), os essencialistas reconhecem o papel da cultura na expressão da emoção, entretanto, influenciados pela teoria evolucionista darwiniana, os seguidores do essencialismo consideram sentimento uma experiência individual que envolve um conjunto de emoções básicas e universais preexistentes, o que afasta completamente a hipótese de que seja um fenômeno construído socialmente. Diferentemente, os contextualistas propõem analisar a emoção por meio da linguagem enquanto prática discursiva delimitada pela cultura. Nesse sentido, as emoções se afastam da esfera do individual, aproximando-se da noção foucaultiana de discursos enquanto “práticas que sistematicamente formam os objetos dos quais elas falam” (Foucault, 1972, p.49).

De acordo com a abordagem discursiva, já que o discurso emocional tem estreita relação com o desempenho social da linguagem, as emoções não podem ser vistas como uma substância transportada pelo discurso ou expressa em forma de discurso, mas como “atos pragmáticos e desempenhos comunicativos, uma forma de ação social que cria efeitos no mundo, cujos efeitos são interpretados culturalmente pelo interlocutor do discurso da emoção” (Abu-Lughod; Lutz 1990, p.12). E mais, conforme essa orientação, gênero, enquanto categoria social, influencia tanto a experiência da emoção quanto o discurso sobre a emoção vivenciada socialmente.

Em documento deixado para seu único filho, na condição de vir a público somente depois de sua morte, Evelyn Scott já oferece claros indícios de sua adesão à igualdade entre homens e mulheres desde muito jovem:

I was the Secretary of the Woman Suffrage Party, already, at seventeen. I had written a number of immature stories, had sold two – under the pseudonym Hiram Hageback, the name given by my father to my fox-terrier, and one had appeared – or maybe two – in the New Orleans Picayune.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://alifeinletters2017.wordpress.com/2017/08/18/the-story-begins/>. Acesso em: 22 jun. 2022.

Aos dezessete anos de idade eu já era Secretária do *Woman Suffrage Party*. Eu havia escrito algumas histórias imaturas, tinha vendido duas – com o pseudônimo de Hiram Hegeback – ou talvez duas – no *New Orleans Picayune*. [Nossa tradução]

Em importante discussão sobre questões de gênero e emoção no discurso autobiográfico, Jelinek (1980) afirma que uma das características identificadoras da autobiografia masculina é a supressão da emoção e da vida interior. Jelinek (*apud* Judy Long, 1999, p.20) observa com estranheza a surpreendente ausência de tópicos como autorrevelação e intimidade nas grandes autobiografias do cânone. Essa abordagem é importante porque, neste trabalho, analisamos uma autobiografia feminina que valoriza exatamente aspectos da intimidade, como doença, gravidez, maternidade, sexualidade, ao mesmo tempo que revela códigos de uma sociedade altamente hierarquizada por gênero, como é o caso do Brasil.

Em linha semelhante à de Jelinek (1980), Judy Long (1999) discute o papel do gênero na produção da escrita autobiográfica feminina, argumentando que “Gênero molda o sujeito e o narrador do texto. Da mesma maneira, gênero dá cor à leitura e à interpretação da narrativa” [Nossa tradução] (Long, 1999, p.9). Long entende, portanto, que, para que possamos compreender tanto as experiências de mulheres como os relatos dessas experiências, é necessário “ler o código de gênero” [Nossa tradução] (Long, 1999, p.9). Mais importante ainda, destacando a importância dos discursos narrativos de mulheres para a sensibilização e conscientização das questões de gênero, acrescenta que as “narrativas pessoais de mulheres fornecem um retrato da distribuição de papéis de gênero que estão invisíveis no discurso dominante. [...] Inevitavelmente, essas narrativas falam sobre os arranjos de gênero na sociedade como um todo” (Long, 1999, p.9, tradução nossa).

Essas ideias iluminam a análise sobre emoção aqui proposta, porque *Escapada* (2019 [1923]) discorre sobre o exílio, uma das experiências sociais consideradas mais traumáticas e dolorosas pelos especialistas, seja ele imposto, por razões políticas, religiosas, financeiras, entre outras, ou autoimposto, por razões que, apesar de terem cunho pessoal, fogem do controle do indivíduo. *Escapada* é mais que um simples relato da lembrança de uma experiência individual isolada. Na

verdade, trata-se de um discurso autobiográfico que, rico em imagens e expressões metafóricas, descreve emoções vivenciadas por uma jovem mulher estrangeira em isolamento social, ao mesmo tempo que descortina aspectos sociais e culturais testemunhados por ela.

## **Sobre emoção e expressões metafóricas**

Tradicionalmente, as metáforas eram consideradas um fenômeno da linguagem sem valor cognitivo, uma forma de desvio da linguagem usual, ou mesmo uma maneira de persuadir o leitor porque tinham a capacidade de causar estranhamento. Vertentes contemporâneas inseridas no campo da linguística cognitiva, todavia, têm mostrado que as metáforas não são simplesmente figuras de linguagem, mas figuras de pensamento, uma vez que o ser humano entende o mundo por meio de metáforas. Lakoff e Johnson (2002) afirmam existir um sistema conceitual que é em grande parte metafórico, e que os conceitos que regem o modo de pensar das pessoas não dizem respeito apenas ao intelecto: comandam a atividade cotidiana nos detalhes mais triviais e estruturam a forma como os indivíduos se comportam no mundo. Para os autores, nossos conceitos resultam de esquemas imagético-cinestéticos e de domínios da experiência cuja conceituação depende de mecanismos de abstração. A metáfora, então, é um desses mecanismos de abstração que permite mapear esquemas concretos apreendidos pelo nosso corpo em domínios mais abstratos. A compreensão de metáforas se processa em termos de domínios completos da experiência e não em termos de conceitos isolados. Ao dizermos AMOR É UMA VIAGEM; TEMPO É DINHEIRO, entendemos os domínios básicos de AMOR e TEMPO a partir das experiências vividas nos outros domínios básicos, VIAGEM e DINHEIRO (Lakoff; Johnson, 2002, p.208).

Ainda conforme os autores, a metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA está presente na linguagem do dia a dia em várias expressões, como: seus argumentos são indefensáveis, ele atacou todos os pontos fracos da minha argumentação, suas críticas foram direto ao alvo, destruí sua argumentação, entre

outras (Lakoff; Johnson, 2002, p.46). Para eles, em certas culturas, esta metáfora estrutura ações realizadas em uma discussão.

No que tange à relação entre metáfora e emoção, especialistas chamam a atenção para o confronto entre objetivismo e subjetivismo. Em um dos estudos mais completos sobre a relação entre metáfora e emoção, Kövecses (2000) destaca a característica altamente figurativa da linguagem da emoção. Para ele, a linguagem da emoção é marcada sobretudo por expressões metafóricas, que, em sua maioria, pertencem a metáforas conceituais. Por exemplo, em ‘Ela está fervendo de raiva’, RAIVA tem como conceito metafórico correspondente: RAIVA É LÍQUIDO QUENTE EM UM CONTEINER. Igualmente, em ‘Estou faminta de amor, AMOR tem como conceito metafórico correspondente: AMOR É UM NUTRIENTE, e assim por diante (Kövecses, 2000, p.34).

A metáfora aparece abundantemente no discurso da emoção (Kövecses 2000). A linguística cognitiva aponta que, em grande medida, as emoções humanas são conceitualizadas e expressas via metáforas baseadas em experiências corporificadas (Gibbs, 1994; Yu, 1998). Por isso, ao se referir a uma pessoa com raiva, é comum ouvir que ela “estava botando fumaça pela boca” ou que “estava fumegando” (Yu, 1998, p.36). Essas expressões refletem a metáfora disseminada na qual o conceito abstrato de raiva é pensado em termos de calor, tanto dentro como fora do corpo.

Não podemos afirmar que o discurso de Evelyn Scott possibilita o mapeamento de um esquema conceptual de metáforas no qual elas são recorrentes a ponto de ser possível aplicar o modelo da linguística cognitiva. No entanto, imagens e metáforas não conceptuais são um componente muito presente na escrita de Evelyn Scott. A linguagem metafórica da autora diz muito de suas experiências à época do exílio autoimposto no Brasil, experiências estas que continham grande teor emocional. A sensação de impotência, por exemplo, é concreta no cotidiano da escritora porque ela se tornou muito doente, vulnerável e dependente, ficando cada vez mais difícil tocar a vida com autonomia. Para Scott, impotência é um tipo de emoção que gera outra emoção, especificamente a de “[...] medo o tempo todo, medo, eu penso, da minha própria impotência” (Scott, 2019, p 85). Essa mistura de

sentimentos se intensifica sobretudo quando Scott se vê em uma sala de cirurgia para corrigir os erros grosseiros cometidos pelo médico que havia feito seu parto.

Enquanto eu estava me preparando para a operação fui deixada sozinha com os três homens [...] Não gostei deles. Eu estava com frio, me sentia desamparada e antagônica. Sabia muito bem o que era ser olhada por homens – não médicos, e sabia que eles também estavam conscientes disso, embora fingissem o contrário. [...] Tirar a roupa de uma pessoa desnuda sua proteção mental também. [...] Eu entendo de onde o ódio do corpo vem. É através do corpo que você fica à mercê de todo mundo. (Scott, 2019, p.120)

Aqui, o corpo representa metaforicamente sua própria condição de desamparo.

O discurso autobiográfico de Evelyn Scott foi construído sob um quadro de pressão emocional provocado por desafios de ordem física e mental, afinal de contas, ela estava enfrentando enormes dificuldades para sobreviver à fome e à doença em meio à precariedade das condições de vida do Brasil do início do século vinte. O teste de resistência era, portanto, duplo: físico, em decorrência da doença em si, e mental, porque a pobreza extrema e o isolamento social desafiavam a capacidade de compreensão e aceitação de algo que era inimaginável para alguém de sua origem. Em determinados momentos de reflexão, Evelyn Scott chega mesmo a temer verdadeiramente por seu destino: “Senti uma estranha sensação de drama sobre minha situação. Com assombro tomei consciência dos meus atos impensados. [...] Minha preocupação era verdadeira. Fiquei ansiosa – com medo do que poderia acontecer comigo” (Scott, 2019, p.41).

Apesar de *Escapada* ser uma narrativa muitas vezes expressa de forma poética, ali a metáfora não se reduz ao papel retórico de figura de embelezamento da linguagem. Na verdade, suspeitamos que, neste caso, metáfora se aproxima daquilo que defendem Lakoff e Johnson (2002), para quem as metáforas são um aspecto constitutivo da linguagem, refletem ideologias construídas a partir de uma dada cultura e são uma forma de agir e pensar sobre o mundo. Nessa mesma direção, aproxima-se também da visão de Kövecses (2000) acerca de metáfora enquanto parte integrante do discurso da emoção. No entanto, como já mencionado, não podemos classificar a linguagem de Scott como representativa de metáforas

conceptuais, o que podemos dizer é que a autora usa imagens e expressões metafóricas para explicitar a experiência de dor física e humilhação pessoal.

Esses conceitos da linguística cognitiva são importantes porque ajudam a compreender um discurso criado dentro de um contexto naturalmente carregado de sentidos e emoções, como é o de doença e isolamento enfrentado por Evelyn Scott quando escreveu a obra aqui analisada .

## Metodologia

Neste trabalho, adotamos a metodologia de análise interpretativa, em que o diálogo entre pesquisa e pesquisadora se faz necessário. Isso implica liberdade no ato de interpretação da obra em questão. Em um primeiro momento, o texto foi lido sem preocupação com qualquer aspecto da linguagem em particular. Ao final da leitura, tendo observado grande riqueza de imagens e expressões metafóricas, decidimos focar nestes aspectos do discurso autobiográfico de Evelyn Scott. Na análise abaixo, trechos da obra considerados representativos estão em itálico, com a palavra mais relevante para apreender o sentido metafórico destacado em negrito.

## Análise: emoção em *Escapada*: o papel central da doença

Muito antes de sequer imaginar que ficaria doente, Evelyn Scott demonstrava grande preocupação com a possibilidade de ter problemas de saúde no Brasil. Não sem motivo, observa com atenção os detalhes da arquitetura e do funcionamento das pensões e hotéis baratos por onde passou, destacando alguns aspectos da percepção brasileira sobre padrões de higiene que lhes eram simplesmente incompreensíveis.

Existe um aspecto fundamental da cultura relacionado ao sistema de encanamento. Nos sanitários indescritíveis há mensagens pedindo aos hóspedes para não jogarem papel higiênico nos vasos, baratas agitam-se na lata vazia usada como cesta de lixo, e de um prego despenca um pano enebado com o qual deve-se limpar o assento de madeira. Existe uma

banheira no hotel, mas eu fico com muito medo de pegar doença se tomar banho nela. (Scott, 2019, p.30)

Se levarmos em conta a perspectiva discursiva de metáforas, na declarativa *eu fico com muito medo de **pegar** doença*, encontramos a ideia subjacente de doença como objeto palpável, perceptível através do verbo de ação ‘pegar’, normalmente utilizado para se referir a objetos concretos como, por exemplo, pegar uma cadeira para se sentar. Doença está no centro da preocupação de Scott com a precariedade sanitária do ambiente que testemunhou já nos dias que iniciou sua jornada pelos trópicos. Evidentemente, ‘pegar’ significa ser infectada por doença.

O certo é que, depois que se tornou seriamente doente, Evelyn Scott passa a ver a moléstia sob vários ângulos. Um deles tem a ver com a forma com que as pessoas a tratavam e a percebiam durante o tempo em que esteve adoentada. A escritora ficava absolutamente furiosa com a ideia de ser tratada como alguém que deveria fazer concessões e renunciar as suas convicções pelo fato de não estar bem. Parece-lhe imperdoável que a realidade dura de sua vulnerabilidade física e emocional justifique algum tipo de tratamento que promova vitimização da pessoa doente e, ao mesmo tempo a obrigue a ser hipócrita:

O Sr. Ames entrou no quarto e sentou perto de mim. Ele me olhou de relance, com solidariedade, mas desviou o olhar novamente. [...] Eu não vou ser condescendente por causa de minha doença. A atitude de todos [...] tem uma leve complacência que eu acho absolutamente enlouquecedora. (Scott, 2019, p.87)

Evelyn Scott resiste à ideia de ver sua doença transformada em justificativa para renúncia de convicções e valores. O pronome possessivo ‘*minha*’, acompanhado do substantivo ‘*doença*’, evoca a ideia de enfermidade como objeto possuído, objeto este que torna Scott ainda mais convicta de seus princípios. Portanto, além de ter que administrar a doença propriamente dita, a escritora parecia se preocupar também com o olhar de terceiros sobre sua condição, rejeitando veementemente a ideia de que uma pessoa doente deveria ficar à mercê do julgamento moral da sociedade.

Durante praticamente todo o período que viveu no Brasil, o cotidiano da escritora era comandado pelos sintomas que a obrigavam a permanecer a maior parte do tempo na cama. Todavia, em raríssimas ocasiões, Evelyn Scott ousava brincar com a ideia de que estava bem e se deixava levar pelo ímpeto de um corpo jovem em busca de alguns poucos pequenos prazeres da vida diária. Foi em uma dessas ocasiões que, na cidade de Natal, desafiou os limites do corpo ao acompanhar o parceiro em uma caminhada até a praia.

John entra todos os dias na arrebentação. Hoje de manhã eu coloquei minha roupa e caminhei com ele até a praia. Quando ele estava na água eu tirei meus sapatos e meias e corri atrás dele. Ele implorou para eu me conter, mas era inebriante imaginar por um momento que eu estava bem. As ondas eram enormes, translúcidas como vidro que se dilata. Frias, contudo, e quebravam contra meu peito com tanta força que eu mal podia ficar em pé. O esforço feito para controlar as ondas me deixou imediatamente enjoada e fraca. (Scott, 2019, p.87)

Neste exemplo, dois conceitos se complementam para reforçar o contraponto entre realidade concreta de uma doença e o ideal de um corpo saudável. A oração declarativa '*era inebriante imaginar por um momento que eu estava bem*' dá ideia de que, para Scott, estar bem representa a sensação mágica de liberdade e felicidade que, em seu caso, só acontece no âmbito da imaginação.

O fato é que a prosaica aventura na praia exigiu de Evelyn Scott esforço suficiente para levá-la de volta à dura rotina da condição de doente. Nessas alturas, o sentimento de medo é expresso através da clássica metáfora militar de doença como inimigo que ataca, como se vê em: "À tarde fico de cama de novo. Eu estou assustada. Não penso na dor que sinto como qualquer doença comum que me atacou pelo lado de fora" (Scott, 2019, p.88).

A situação de Evelyn Scott era tão extrema, que ela chega mesmo a sugerir o fim da própria existência:

[...] no momento em que me permito gastar um pouco de energia sou lembrada de quão escravizada eu estou. Quando as pessoas se tornam inválidas, mutiladas, elas precisam ser retiradas do seu sofrimento. Permitir que elas vivam equivale a uma injustiça. [...] todos com quem entra em contato são superiores a ela. (Scott, 2019, p.88)

No excerto acima, algumas metáforas representam o olhar de Scott sobre o fenômeno da doença a partir de sua própria experiência de pessoa doente. Há, por exemplo, a ideia de doença como escravidão, expressa linguisticamente por meio da oração *no momento em que me permito gastar um pouco de energia sou lembrada de quão **escravizada** eu estou*. Neste exemplo, o vocábulo em destaque encerra a ideia de impossibilidade de reação à doença. Dentro dessa lógica, faz sentido que Scott veja a doença como um lugar de onde deseja sair, efetivado pela afirmativa: *Quando as pessoas se tornam inválidas, mutiladas, elas precisam ser **retiradas** do seu sofrimento*. A representação de lugar concreto adquire maior visibilidade no verbo ‘retiradas’ que, por estar no particípio passivo, só reafirma a ideia de passividade da pessoa que, estando doente, também se encontra em tal estado.

Evelyn Scott também expressa a ideia de que viver doente é algo injusto e sugere que o indivíduo nesta situação merece ter o direito de morrer. Em última análise, significa que esse sofrimento justifica a morte antecipada e assistida da pessoa doente. Para ela, *permitir que elas vivam equivale a uma injustiça*. Ainda conforme o excerto acima, estar doente representa ser moralmente pior do que as pessoas sadias, como se vê na declarativa: *Inconscientemente, todos com quem elas [pessoas doentes] entram em contato são **superiores** a elas* (Scott, 2019, p. 88).

Parece consensual entre grande parte dos estudiosos da área o entendimento de que a dor seja parte integrante de qualquer doença. Muitas vezes, inclusive, é somente através dela que se descobre a enfermidade. Na escrita autobiográfica de Evelyn Scott, observamos a ideia de dor como objeto que tem movimentos próprios, como podemos ver em: *Quando a dor **desaparece para bem longe de mim parece um grande som se esvaindo*** (Scott, 2019, p.88). Ao mesmo tempo em que a dor é, aqui, comparada a um objeto que se movimenta, o confuso quadro físico e mental da escritora permite também interpretar dor como uma espécie de companhia que produz emoções contraditórias, como felicidade e iminência de morte: *Quando a dor desaparece [...] o que sobra é um silêncio de **felicidade***. *Mas eu fico perdida no silêncio. E me pergunto o que sou e se, na verdade, eu parei de existir*. Esses

exemplos mostram não apenas o quadro de emoções vivenciadas por Scott, como também a percepção dela sobre doença e sua complexa condição física/emocional.

Como mencionado, além de ter que se preocupar com a realidade da própria doença, Evelyn Scott se ocupava também com a maneira com que as pessoas ao seu redor percebiam sua condição. A mãe dela, por exemplo, abordava a doença de forma contraditória - ora como motivo para nervosismo e preocupação, ora como privilégio de Evelyn, ora como motivo para responsabilizar o parceiro da filha.

Quando cumprimentei Nannette eu achei que ela tinha que notar que eu estava completamente diferente. [...] Ela está extremamente nervosa. Ela disse que está bastante preocupada com minha doença. [...] Nannete evidentemente considera doença um luxo. [...] Ela acha que John é o responsável [...] e que minha saúde frágil é uma prova de que seu plano grandioso fracassou. Ele é a única pessoa que me reduziu à minha atual situação. (Scott, 2019, p.90-91)

Em meio a esse cenário complicado de dor física e sentimentos mistos provocados por visões distorcidas sobre sua doença, Evelyn Scott utiliza a imagem de sono como um lugar onde se morre, ao comparar a doença com um sono do qual ela não quer acordar: “*Eu caio no sono como uma pedra afunda em um lago. [...] Minha doença é como um sono prolongado. Mas eu não desejo despertar dele*” (Scott, 2019, p.96). Aqui, o verbo ‘cair’ evoca a ideia de sono como lugar porque o ato de cair requer necessariamente um lugar para sua realização. Em paralelo, Scott compara seu corpo em estado de sono com uma pedra que afunda em um lago, um acontecimento irreversível, sem volta e por consequência morto.

Analisando com mais profundidade, podemos suspeitar que a imagem de doença como lugar onde se morre dialoga com a ideia de que a dor provocada por uma doença equivale a uma pessoa insaciável que necessita ser recorrentemente alimentada: “*Se ao menos a dor não estivesse com tanta fome. Eu não consigo alimentá-la o suficiente. E ainda assim há sempre mais e mais de mim para lhe dar.*” (Scott, 2019, p. 96). Vê-se aqui um conflito de emoções que se estabelece na estrutura física e mental de Evelyn Scott, no qual o corpo é ao mesmo tempo, fraco e resiliente frente às demandas impostas pela dor.

Suspeitamos, então, que *Escapada* seja um relato honesto da escritora sobre

sua experiência de exílio autoimposto no Brasil. Ao mesmo tempo, ousamos afirmar que se trata de um testemunho documental sobre as condições de vida dos mais pobres à época, a partir de dentro, visto que ela própria viveu em pobreza extrema durante aqueles anos duros da Primeira Guerra Mundial. A situação se agravou a ponto de Scott imaginar a morte como única companhia. É nesse ponto que imagina a morte como uma companheira que a alimenta com substância destrutiva: “Às vezes eu sinto como se a Morte estivesse **me segurando suavemente em uma palma de mãos feita de penas, me alimentando com o sangue branco da dor**” (Scott, 2019, p. 87).

Sabemos que uma das principais marcas da literatura simbolista é o pessimismo, e que um dos recursos para expressar esse estado se realiza por meio das letras maiúsculas alegóricas. Essas letras não possuem valor gramatical, elas servem como uma forma de provocar emoções no ato de ler e, ao mesmo tempo, apontar as possíveis emoções do/a escritor/a. Nessa perspectiva, é digna de nota a escolha de Evelyn Scott pela palavra ‘Morte’, escrita justamente com esse tipo de maiúscula.

Os verbos ‘me segurando’ e ‘me alimentado’ corroboram a imagem de pessoa que acompanha, apoia e se responsabiliza pelo provimento do alimento, algo essencial para a vida. No entanto, a expressão ‘com o sangue branco da dor’ desconstrói o conceito idealizado de companhia como um aspecto da vida sempre positivo.

Essa imagem demonstra em definitivo como doença, no discurso autobiográfico de Evelyn Scott, é um fator que agrava todo um quadro de emoções vivenciadas pela jovem americana que abandonara o conforto e a segurança de suas origens da alta classe social sulista para viver um amor improvável naquele Brasil quase primitivo do início do século XX. Todavia, é necessário destacar também que foi nesse mesmo contexto adverso de doença, fome e isolamento que Scott escreveu a obra prima *Escapada*.

## Considerações finais

A escritora americana Evelyn Scott foi uma jovem sulista que abdicou da fortuna e segurança de suas origens para viver na pobreza ao lado do amante no Brasil do início do século XX. O caso de amor era absolutamente proibido nos EUA porque envolvia ninguém menos que um respeitável médico, casado, e com filhos, pesquisador e diretor da Escola de Medicina Tropical da prestigiosa Universidade de Tulane.

O fato é que, no início de 1914, o casal desembarca no Rio de Janeiro em busca de um futuro incerto no desconhecido “país do futuro”. A sobrevivência logo se mostrou difícil, sobretudo para Evelyn Scott, que, grávida, teve um parto extremamente difícil, ficando praticamente inválida para o resto da vida.

*Escapada* narra essa história de luta e sobrevivência no Brasil patriarcal e precário daqueles tempos. Como a doença passa a fazer parte do cotidiano de Scott, parece natural que esse tema ocupe parte significativa dessa escrita sobre e de sobrevivência, já que ela mesma a reconhece como uma experiência quase terapêutica.

Analisamos a emoção no discurso autobiográfico de Evelyn Scott, a partir de *Escapada*, livro que escreveu durante o tempo que viveu no Brasil, de 1914-1919. Observamos que o discurso da emoção nesta obra é, em grande medida, expresso por meio de imagens que representam sua preocupação em compreender a percepção de terceiros sobre ela na condição de pessoa doente. Para a escritora, o corpo é lugar de sofrimento e impotência. A obra foca sua luta diária de sobrevivência em um Brasil extremamente patriarcal e precário do ponto de vista social, onde ela vivenciava um turbilhão de emoções relacionadas ao seu estado de saúde e ao tratamento médico recebido. Entre as várias imagens metafóricas associadas à doença, encontram-se, por exemplo, doença como escravidão; doença como lugar de onde se deseja sair; doença como lugar onde a continuidade da vida representa injustiça; e o doente como um ser moralmente inferior.

Destacamos também que o gênero é um aspecto importantíssimo, tanto na experiência de isolamento social da escritora como na construção do discurso autobiográfico sobre esse isolamento. A autobiografia *Escapada* mostra que Evelyn Scott viveu no Brasil uma espécie de exílio autoimposto que lhe imponha

sentimentos de não pertencimento, tanto em relação ao seu país de origem quanto em relação ao Brasil.

Alguns autores percebem a autobiografia como parte de um campo maior do conhecimento identificado como *escrita da vida*. Neste trabalho, autobiografia é vista como uma narrativa que se expande para além do simples registro de fatos selecionadas pelo(a) autor(a) de modo cronológico ou formal, tratando-se mais de um discurso sobre um universo social testemunhado pelo indivíduo que escreve. Nessa perspectiva, o mero relato de fatos e lembranças pessoais, por mais interessantes que possam parecer ao interlocutor, não constitui, por si só, autobiografia. É necessário que esse relato assimile uma dimensão discursiva capaz de transformá-lo em depoimento sobre um contexto histórico e sociocultural, tratando-se, portanto, de um discurso autobiográfico. *Escapada* serve como bom exemplo disso. É uma obra que reconstrói no discurso parte da geografia e da ambiência cultural brasileira dos inícios do século XX. Mais importante ainda, Evelyn Scott, ao circular o discurso de sua própria crise enquanto mulher jovem estrangeira, vivenciando exílio autoimposto, expressa um movimento de dupla resistência. De um lado, resiste ao discurso puritano da sociedade americana que havia abandonado para perseguir o sonho de libertação artística e pessoal; do outro, resiste ao discurso imposto pela dura realidade da sociedade brasileira patriarcal que enfrentaria pela frente.

## Referências

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. *Language and the politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

FOUCAULT, Michel. *The archaeology of knowledge and the discourse on Language*. New York: Pantheon, 1972.

GIBBS, R. *The Poetics of the Mind: Figurative Thought, Language, and Understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

JELINEK, Estelle. *Women's autobiography: essays on criticism*. Bloomington: Indiana University Press, 1980.

JONES, Paul; e SCURA, Doroth. *Evelyn Scott: recovering a lost modernist*. Knoxville: University of Tennessee Press, 2001.

KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor and emotion*. New York: Cambridge University Press, 2000.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM). São Paulo, Mercado das Letras, 2002.

LESSA, Adriana; SALGADO, Maria das Graças. O discurso da dor feminina invisível: um estudo de caso sobre Evelyn Scott no Exílio Brasileiro, em *Escapada*. *Revista Porto das Letras*, v. 07 n. 02. 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11532>. Acesso em: 20 dez. 2023.

LONG, Judy. *Telling women's lives: subject, narrator, reader, text*. New York e London: New York University Press, 1999.

MAUN, Caroline. *Mosaic of fire: the work of Lola Ridge, Evelyn Scott, Charlotte Wilder and Kay Boyle*. South Caroline: University of South Caroline Press, 2012.

SCOTT, Evelyn. *Escapada*. Tradução de Maria das Graças Salgado. Rio de Janeiro: Versal, 2019.

WHITE, Mary. *Fighting the current: the life and work of Evelyn Scott*. Louisiana: Louisiana State University Press, 1998.

YU, Ning. *The contemporary theory of metaphor: a perspective from Chinese*. Philadelphia: Benjamins, 1998.

*Recebido em: 20 out. 2023.  
Aprovado em: 18 dez. 2023.*

*Revisor de língua portuguesa: Douglas Afonso  
Revisor de língua inglesa: Pedro Americo Rodrigues Santana  
Revisora de língua espanhola: Daiane Aparecida Martins*